

**A CONSCIENTIZAÇÃO COMO UM DESPERTAR PARA A LIBERDADE:  
UMA ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DE PAULO FREIRE**

**AWARENESS AS AWAKENING TO FREEDOM: AN ANALYSIS OF PAULO  
FREIRE'S EXPERIENCE**

Luis Fernando Howeler\*

*[...] a educação, como prática da  
liberdade, é um ato de conhecimento,  
uma aproximação crítica da realidade.*  
(Freire, 1979, 2008, p. 29)

O livro *Conscientização*, de Paulo Freire, foi originalmente escrito em 1979 e a segunda reimpressão de sua terceira edição contém 116 páginas, cuja publicação se deu pela editora *Centauro* no ano de 2008. A obra apresenta-se dividida em três partes, precedidas de uma Apresentação redigida por Cecílio de Lora S. M., diretor da Associação de Publicações Educativas, e pelo Prólogo subscrito pela Equipe INODEP. Sequencialmente transcorrem a primeira parte, intitulada *O Homem e sua Experiência*, a segunda, denominada *Alfabetização e Conscientização*, e, derradeiramente, a terceira, designada *Práxis da Libertação*.

Na Apresentação, Cecílio de Lora relembra conferências internacionais que trataram do importante vínculo entre consciência crítica e educação criadora, tema fulcral das obras e da experiência de vida de Paulo Freire. Mais adiante, no prólogo, a Equipe INODEP traz um panorama do conteúdo abordado na obra por Freire, enaltecendo sua atuação como presidente do órgão e suas contribuições na transformação das estruturas e mentalidades.

Nesse sentido, conforme antecipou o prólogo, a primeira parte do livro, intitulada *O Homem e sua Experiência*, discorre, em um primeiro momento, sobre a vida pessoal de Paulo Freire e, na sequência, sobre a contextualização das experiências de sua metodologia na alfabetização de adultos no Brasil e no Chile.

Nascido em Recife, na data de 19 de setembro de 1921, foi no seio familiar onde aprendeu a importância do respeito para com o próximo e do diálogo – este último, marca indelével de sua obra e atuação profissional. Como homem do povo, também sentiu na pele o tormento da crise de 1929, passou fome e em meio a dor e sofrimento atingiu a

---

\* Instituto Federal do Triângulo Mineiro. [luishoweler@iftm.edu.br](mailto:luishoweler@iftm.edu.br)

idade adulta sem desprender-se do questionamento que fazia a si próprio quando criança: o que poderia fazer para ajudar aos homens? Preliminarmente ajudara aos seus irmãos no sustento da família, quando aos 20 anos tornara-se professor do curso ginásial e, posteriormente, com importante apoio de sua esposa Elza, com quem, aliás, prosseguiu o diálogo que aprendera com seus pais, debruçou-se com maior ênfase na problemática educacional e estudos correlatos. Desse modo, não surpreende que tempo depois estivesse trabalhando em um departamento de Serviço Social do SESI, estabelecendo – uma vez mais – diálogo com o povo. O próprio Paulo Freire relata, a propósito, que foi como diretor do Departamento de Educação e de Cultura do SESI em Pernambuco, e depois na Superintendência, que realizou as primeiras experiências de seu método de educação iniciado em 1961. Este mesmo método, no entanto, foi motivo para levá-lo à prisão e ao exílio por ser considerado subversivo pelo golpe de Estado de 1964, isto é, o golpe “deteve todo este esforço que fizemos no campo da educação de adultos e da cultura popular” (Freire, 1979, 2008, p. 17).

É neste contexto histórico que se apresentam as experiências e resultados da metodologia de Paulo Freire no Brasil e no Chile. Destaca-se no Brasil a relação do trabalho de Freire com a conscientização, ascensão e mobilização popular no meio político, social e cultural, motivo da consistente perseguição dos grupos reacionários e suas acusações de subversão. Entretanto, os resultados de seu movimento, denominado *Educação Popular*, cujo início se deu em 1962 em uma região extremamente carente do Nordeste, são absolutamente impressionantes: 300 trabalhadores foram alfabetizados em apenas 45 dias! Em que pese o apoio do Governo Federal à época, o movimento não pode dar cabo de seu projeto nacional, sobretudo em razão do golpe de Estado, mas não se olvida o fator relativo ao possível choque eleitoral em setores tradicionais: aos populistas e aos oligarcas não interessava a libertação do povo, mas sim a exclusão, dominação e manipulação das massas.

No Chile, a partir do ano de 1965, o método de Paulo Freire também obteve resultados exitosos sob a regência de Waldoms Cortês, quem, aliás, comungava das mesmas ideias de Freire no que tange à educação de adultos. Contudo, para que o método de Freire – considerado subversivo no Brasil – fosse aceito no Chile, Waldoms teve de lançar mão de estratégias políticas para composição de sua equipe técnica. Após implantado o método, em apenas dois anos a educação de adultos no Chile repercutiu internacionalmente, incluindo reconhecimento da UNESCO pelo combate ao analfabetismo.

Na sequência, a segunda parte do livro, *Alfabetização e Conscientização*, aprofunda os fundamentos do método de Paulo Freire sob a ótica da conscientização, capacidade vinculada ao ser humano apto a distanciar-se do objeto e agir conscientemente sobre a realidade objetivada: a práxis humana. Nesse sentido, evidencia-se a aproximação espontânea que o homem faz do mundo, da sua realidade, a qual não passa de uma posição ingênua ante sua própria experiência. A conscientização, o desenvolvimento de uma consciência crítica, transcendem esta abordagem espontânea e ingênua “para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica” (Freire, 1979, 2008, p. 30), posto que a conscientização não pode existir fora da dialética entre ação-reflexão, ou seja, da práxis. Esta conscientização, no entanto, não se pressupõe estática e descolada do mundo, pelo contrário, ocorre continuamente e baseada na relação consciência-mundo, apropriando-se de cada nova realidade criada como objeto de uma nova reflexão crítica. Daí surge o profundo vínculo com a utopia, não como ideal impraticável, mas como “o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante” (Freire, 1979, 2008, p. 32), resultando em *desmitologização*.

Desta constante dialética surgem as *situações-limite*, que por um lado cerceiam a liberdade e por outro servem à certas classes para manter o *status quo*, no qual reduzem-se os homens ao estado de coisas. Portanto, para proceder a humanização mediante eliminação da opressão desumanizante, sobretudo frente a uma realidade densa, impenetrável e envolvente, Freire propõe o pensamento dialético na análise de uma situação existencial – tema gerador – mediante a codificação e descodificação: “exige que passe do abstrato ao concreto; ou melhor, da parte ao todo, para voltar depois às partes; isto implica que o sujeito se reconheça no objeto como uma situação na qual se encontra com outras pessoas” (Freire, 1979, 2008, p. 35). Por esta razão, o tema gerador deve considerar o ser humano inserido no espaço-tempo, cuja origem esteja na sua práxis.

É neste contexto que Freire tece seu conceito de *ideias-força*, inicialmente destacando que a educação deve considerar a vocação ontológica do ser humano enquanto sujeito, a partir de uma reflexão sobre o homem e de uma análise de seu meio de vida concreto. A partir desta reflexão o homem torna-se sujeito – e não mais objeto – capaz, portanto, de intervir, alterar e estabelecer relações com a realidade, com algo ou alguém exterior a si mesmo, construindo e reforçando a si mesmo enquanto sujeito aberto ao diálogo e avesso às relações humanas de dominação. Além disso, na medida em que se integra, dialoga e estabelece relações com os demais, o homem não só cria cultura, mas

também faz história, haja vista que épocas se formam e reformam-se ante suas criações e decisões. Assim, arremata na assertiva de que a educação deve ser adequada ao fim que se persegue, qual seja, no caso concreto, a libertação em detrimento da adaptação, domesticação e sujeição.

Avançando na seção *Alfabetização e Conscientização*, a obra apresenta os aspectos prático-operacionais do método de Freire, que faz uma crítica aos métodos mecanicistas de alfabetização e descolados da vivência do trabalhador em processo de alfabetização. Grosso modo, o método de Freire destaca-se pela sua perspicácia em abordar o tema junto aos estudantes mediante o uso de palavras geradoras, vinculadas a uma imagem situacional estreitamente ligada à sua realidade, por meio das quais explora-se o universo fonético da língua, permitindo o entendimento da semântica e da lógica fonética do código, ao invés da memorização ordinária. Para tanto, o planejamento do método constitui-se de cinco fases, que vão desde a descoberta do universo vocabular dos grupos, passando pela seleção de palavras e criação de situações existenciais oriundas do universo deste grupo, até chegar nas etapas finais de elaboração das fichas indicadoras e das famílias fonéticas.

Demonstra-se que após uma única aula os estudantes já são capazes de ler e formar palavras. Atribui-se tal resultado ao fato de que a aprendizagem ocorre de maneira crítica, preliminarmente visualizando a palavra relacionada à situação existencial e posteriormente analisando a palavra de forma isolada, separando-a em sílabas e explorando as famílias silábicas. Segundo Freire (1979, 2008, p. 57), o que faltava era justamente “desafiar, desde o início, a intencionalidade da consciência, ou melhor, o poder de reflexão da consciência, e não como eu pensava antes”. Por esta razão, infere-se que somente constitui-se uma educação efetiva e eficaz na medida em que a liberdade seja balizadora para que os estudantes tomem parte de maneira crítica mediante ao diálogo: o coordenador dos Círculos de Cultura não exerce função de professor e jamais impõe sua influência. Daí a importância em desmistificar o conceito antropológico de cultura, a fim de que os estudantes substituam ingenuidades pela apreensão crítica da realidade, reconhecendo a si mesmos como autores do mundo e criadores de cultura, permitindo aprofundar os movimentos de codificação e decodificação e ampliar a compreensão do domínio cultural.

A terceira e última parte do exemplar, *Práxis da Libertação*, é mais carregada de um pensamento compenetrado na abordagem de três palavras chaves: opressão, dependência e marginalidade. A abordagem explora inicialmente a opressão, pois os

oprimidos somente obterão a liberdade pela procura em sua práxis: deve-se reconhecer que para consecução do objetivo é necessário lutar. No entanto, é curioso notar que um fator impeditivo para a luta é justamente a identificação dos oprimidos com os opressores, isto é, ante a ausência de uma consciência crítica, e presos a uma situação existencial concreta que os manipula, não são capazes de objetivar a realidade, de descobrir o opressor *fora de si mesmos*. Resta, por consequência, a conversão do oprimido em opressor, posto que neste contexto não há clareza suficiente para enxergar a libertação por meio da resolução das contradições, da qual resultará o *homem novo*. Em suma, há uma subordinação à consciência do amo, como um *ser-para-o-outro*, na perspectiva de Hegel segundo Freire (1979, 2008). Desta maneira, constata-se que “Somente os oprimidos podem libertar os seus opressores, libertando-se a si mesmos” (Freire, 1979, 2008, p. 69), mediante superação do impasse supramencionado e resolução da contradição que os aprisiona e impede a aparição de um *homem novo*. Àqueles da classe opressora, por outro lado, que tenham desejo de combater ao lado dos oprimidos pela libertação destes, compete impregnar-se de verdadeira solidariedade em sua práxis, deixando de olhá-los como categoria abstrata, e depositar confiança nos homens, pois “O verdadeiro humanista reconhece-se mais pela confiança nos homens que o conduzem a comprometer-se numa luta que nas milhares de ações que pode empreender por eles, sem esta confiança (Freire, 1979, 2008, p. 70).

Nesse ínterim o autor demonstra as relações de dependência – e de opressão – mediante exposição dos conceitos de desenvolvimento e de modernização: o primeiro associado à libertação de sociedades dependentes, enquanto a ação do segundo caracteriza a dependência concreta. Sob esta ótica, portanto, o subdesenvolvimento tem sua *razão* no desenvolvimento. Cabe, então, às nações subdesenvolvidas (sociedade-objeto) a superação das *situações-limite* que perpetuam a experiência da *cultura do silêncio*, a qual não guarda relação com o silêncio propriamente dito, mas sim com as prescrições das sociedades dominantes (sociedade-dirigente) que falam e impõe sua voz, contexto no qual enquadra-se a América Latina. Interessante perceber, entretanto, que o silêncio da sociedade-objeto frente à sociedade-dirigente tem reflexos nas relações intrassociais da primeira, na qual as elites no poder silenciam-se diante da metrópole e calam ao povo, redundando numa estrutura social hierárquica e rígida. Daí o paradoxo do populismo, que propicia o aparecimento de fendas nas sociedades fechadas para emergência das massas que desvelam a realidade, mas é, ao mesmo tempo, manipuladora – de massas pois não pode manipular as elites. Nesta situação, a despeito da manipulação populista, na qual as

massas passam a ter consciência da sua situação de dependência – transição entre uma consciência semi-intransitiva a um estado de consciência ingênuo-transitivo segundo Paulo Freire –, as sociedades em transição vislumbram duas possibilidades: revolução ou golpe de estado. Nesse sentido, a resposta encontrada pelas elites à emergência popular na América Latina foi o golpe de Estado.

No que diz respeito à marginalidade, terceira e última palavra-chave, Freire demonstra que a interpretação do analfabetismo de forma não estrutural resulta em uma percepção errônea da problemática, na medida em que, sob este prisma, considera-se o analfabeto fora ou à margem de algo, implicando, em última instância, considerar o movimento do centro à periferia da sociedade como sendo uma opção do próprio marginalizado. No entanto, a leitura correta não seria esta, a marginalidade jamais é uma opção, o que ocorre é uma violência para com o marginalizado ao ser excluído e mantido fora do sistema social. Trata-se de um indivíduo transformado em objeto, oprimido, dependente e dominado pelas elites no interior de uma estrutura social e de um sistema opressor. Por conta disso é que, segundo Freire, a transformação da estrutura desumanizante só pode ocorrer por meio de uma educação libertadora e em diálogo com o educador, por meio da qual supere-se a alienação, a dependência e a mistificação da realidade: “é o processo pelo qual aqueles que antes haviam estado submersos na realidade começam a sair, para se reinserirem nela com uma consciência crítica” (Freire, 1979, 2008, p. 88).

Com base nisso o autor descreve, nos parágrafos derradeiros da obra, linhas de ações com vistas à adequação pedagógica, especialmente no que tange ao caso dos oprimidos. Isso porque as elites encontraram no ambiente escolar – ou pedagógico – uma forma eficiente para instrumentalizar a opressão de forma a manter o *status quo*. Assim, pelo mecanismo da introjeção, impõe-se a pedagogia das classes dominantes como legítima às classes dominadas, de forma a aprofundar o abismo entre elas. Ora, se a educação deve suceder por meio do diálogo e como prática da liberdade, é mandatório que se adote uma pedagogia do oprimido – uma pedagogia proveniente dele mesmo. Não se pode mais praticar uma educação bancária, na qual o professor onisciente deposita, enche ou acumula conhecimento nos estudantes “vazios”, isto é, faz-se dos educandos meros objetos. Ao invés disso, deve-se dissolver a contradição *professor-aluno* com vistas a uma educação problematizadora apoiada na criatividade e que estimule uma ação e uma reflexão verdadeiras sobre a realidade. Estabelece-se então uma educação crítica, profética e portadora de esperança instrumentalizada por meio do diálogo: “o diálogo

impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial” (Freire, 1979, 2008, p. 96). Não obstante, os estudantes também precisam desvendar as motivações de suas atitudes em relação à cultura e abordá-las de forma crítica, em uma luta contra as estruturas opressoras e desumanizantes, para que se libertem dos mitos culturais, dos valores e do estilo de vida da sociedade dirigente.

Recomenda-se esta obra a todos aqueles que tenham interesse em compreender a importância da educação como instrumento de transformação social e, nesta jornada, junto com Paulo Freire, estimular também em si mesmos uma conscientização crítica, tão essencial para libertar-se da opressão e da alienação, a fim de construir uma sociedade mais justa e igualitária. Mais do que isso, o pensamento de Freire também é um convite a refletir diariamente sobre a realidade atual da sociedade brasileira – oprimida, dominada e polarizada, sobretudo politicamente, para o deleite das elites e o martírio das massas.

### **Referência**

FREIRE, P. (1979). **Conscientização: teoria e prática da libertação** - uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3. ed. São Paulo: Centauro, 2008.